



UMA SALA DE AULA E SUAS DIFERENÇAS: DESAFIOS, INDISCIPLINA E A FAMÍLIA

Débora Bussolotto¹

Resumo: O artigo trata de um relato do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, que ocorreu no ano de 2011. Estarão contidos neste artigo alguns pontos observados e que se sobressaíram na prática docente. Pontos marcantes como a indisciplina presente na sala de aula, bem específico a um único aluno. A proposta de trabalhar com desafios de raciocínio-lógico, era que levassem os alunos a pensarem sobre situações que não tivessem resposta imediata, por isto levariam para casa e lá teriam tempo para solucionar o desafios. Considerações sobre a família e o acompanhamento do aluno, deixando claro que nenhuma consideração de presença ou ausência da mesma será discutida.

Palavras-chave: Desafiar, indisciplina, família.

INTRODUÇÃO

Dispersos, curiosos, grandes, pequenos. Uma diversidade imensa que se faz presente num mesmo espaço, que nós, futuros docentes, podemos fazer parte por um tempo. Um dos espaços mais ricos em diversidade, a sala de aula. O Estágio Docente nos faz ir além da realidade vista na faculdade, a experiência nos faz ver a realidade mais próxima do que realmente é. Diante destas experiências e das dos meus colegas podemos discutir, repensar, problematizar, (re) construir a nossa prática docente.

O momento do estágio me permitiu deixar que as coisas passassem por mim, vivi experiências, talvez algumas que não foram tão boas, mas foram experiências no sentido abordado por Bondía (2002, pg. 27), experiência como um algo, “singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.” Permite que as coisas que aconteceram no meu estágio me fizessem repensar as minhas atitudes enquanto futura docente e também como pessoa e estudante.

Mais uma vez pude confirmar que cada aluno é diferente. Foram essas diferenças e mais a experiência que tive no Estágio que procurarei relatar aqui nesse artigo. Entender cada um deles, não é tarefa fácil e não quero diagnosticar nenhum dos alunos, já que não é tarefa de uma licencianda. Não irei afirmar se tiveram ou não alguma experiência, se o estágio lhes

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves. debibussolotto@yahoo.com.br



tocou ou não. Só irei analisar, no meu posicionamento, as diferentes características, no geral, da turma.

Seriam por quais motivos que esses alunos são tão diferentes? O que faz ou o que os tornam tão diferentes? É uma análise do meu estágio na qual pretendo relatar alguns fatos e analisar essas diferenças. Os aspectos que irei abordar para tratar sobre tais diferenças que considero importantes, estão descritas a seguir. O estágio que irei relatar faz parte da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental do IFRS Campus Bento Gonçalves. Primeiramente deixarei claro alguns aspectos, para depois relatar e me posicionar sobre eles.

Voltando à pergunta anterior, pensar no que torna os alunos tão diferentes, nos remete a pensar que cada um é um. Que cada um tem suas particularidades, enquanto alguns têm suas dificuldades de abstração de certos conteúdos, outros demonstram pensar e agir de maneiras diferentes. Irei tratar somente as diferenças dos alunos enquanto estudantes que estão na escola para aprender. São essas particularidades que tornam nossos planos difíceis de serem feitos. Porém, quando aplicados, percebemos que tais planos têm a personalidade dos nossos alunos.

A seguir, a descrição dos temas que irei abordar no decorrer do texto, temas esses que terão suas respectivas seções.

Falta de prazer em estudar? Segundo Sadovsky (2010, p. 13), “o professor têm a sensação de estar forçando os alunos a ir para um lugar que, aparentemente, não os atrai.” E realmente não os traia, mesmo que se busquem diferentes maneiras de abordar um conteúdo, não é suficiente para que este interesse ao aluno. Acaba sendo nítida a falta de vontade, alunos deitados sobre a mesa, agitados, alunos que quando submetidos a desafios travam, este tema será abordado na seção.

A indisciplina? Sabemos que em qualquer classe encontramos casos de indisciplina, que acontece por diversos fatores. Mas, ao longo do estágio pude vivenciar alguns casos de indisciplina que acabam por se relacionar, também, com a falta de limites. A coordenação ou direção chama para conversas, mas que, por relatos da própria direção ou coordenação, não adiantam essas conversas. O tema será abordado na seção 2 do artigo.



Outro fator que gostaria de colocar para essa análise é a família. Não quero discutir sobre se esses alunos têm uma família boa ou ruim, e se essa família é presente, de que classe ela é, apenas relatar a importância da presença de pessoas da família no processo escolar dos alunos do qual realizei meu estágio. Este aspecto será abordado na seção 3 do artigo.

1. QUANDO DESAFIADOS, ELES TRAVAM

Desafiar um aluno significa propor situações que ele considere complexas, mas não impossíveis. Trata-se de gerar nele uma certa tensão que o anime a ousar, que o convide a pensar, a explorar, a usar conhecimentos adquiridos e a testar sua capacidade para a tarefa que tem em mãos. Trata-se, ainda, de motivá-lo a interagir com seus colegas, a fazer perguntas que lhe permita avançar. (SADOVSKY, 2010, p.14)

Ao final de cada aula eu entregava aos alunos um desafio matemático. Desafios que abordavam os conteúdos vistos em sala e diferentes assuntos que envolviam a matemática não vista na sala. A proposta dos desafios era fazer com que os alunos desenvolvessem seu raciocínio lógico, mas o que pude perceber foi que os alunos não demonstraram interesse em desenvolver esse raciocínio. Estes desafios deveriam ser entregues na aula seguinte e o resultado da experiência não foi o esperado, pois na aula seguinte alguns alunos entregavam, sendo que poucas vezes os desafios mais elaborados, ou até os mais simples, continham o desenvolvimento do próprio aluno.

Pensar, desenvolver situações um pouco mais complexas gera um “travamento” que era percebido ao entregar os desafios, onde os alunos o liam, e quando terminavam de ler se apavoravam, me questionavam muito, alguns até diziam que não iam fazer, pois era muito difícil. Então perguntei-me: será que esses alunos têm preguiça em pensar? Ou será que se amedrontam diante de situações como essa? Os desafios eram muito complexos para alunos de oitava série?

Tentei mudar os desafios. Experimentei, mudando a cada aula a complexidade dos desafios. Mas os alunos continuaram a entregá-los sem o desenvolvimento e até mesmo sem resposta. Procurei incentivar os alunos de diversas maneiras, avaliando os desafios e atribuindo uma nota sobre eles, foi oferecido um brinde para quem entregasse o desafio com o desenvolvimento e a resposta corretos. Brinde esse que eu não dizia qual era, apenas uma tentativa de incentivar os alunos.



Minha intenção ao propor os desafios foi que, “diante do novo, os alunos têm de experimentar, explorar, pensar com seus botões”. (SADOVSKY, 2010, p.38). O resultado que gostaria de ter alcançado não foi o resultado que encontrei, talvez por isso o Estágio se constitua em um momento de experimentar, e este foi um experimento, que talvez não tenha dado totalmente certo por diversos motivos. Desde alunos que não têm este perfil de serem desafiados, até alunos que não tiveram uma base matemática para resolverem os desafios. Porém, não é minha proposta diagnosticar dificuldades nesses alunos, mas sim pensar sobre a experiência do estágio docente.

2. A INDISCIPLINA E O RESPEITO PARA COM OS OUTROS

A turma que realizei meu Estágio de um modo geral pode ser considerada uma turma tranquila, sem maiores problemas de controle dos professores e sem grandes casos de indisciplina. O que gostaria de expor neste artigo é sobre um aluno em especial, que aqui será chamado de João², o qual apresenta um caso de indisciplina preocupante, segundo os professores da turma, direção, coordenação e psicóloga. Alguns aspectos importantes do perfil de João: sua estrutura física é maior que a de seus colegas, tem uma voz grave, não tem pai, é criado somente pela mãe.

Ao longo de minha prática do estágio docente, percebi que este aluno procurava chamar a atenção de diferentes formas, muitas vezes sendo até mesmo agressivo e respondendo deseducadamente a todos da escola. Este aluno, nas minhas aulas, não prestava atenção nas explicações, não fazia os exercícios, e pode-se dizer que acabava por atrapalhar seus colegas. Várias vezes tentei ajudá-lo, explicando novamente o conteúdo e ajudando a resolver os exercícios. Entretanto, esse aluno me respondia dizendo que era “burro”, que ninguém explicava as coisas pra ele e que ele ia à escola somente para marcar presença. Seus colegas ficavam irritados diante dos atos de indisciplina, porém nada faziam por que tinham medo de João. Alguns alunos chegaram a comentar comigo que se falassem alguma coisa, João iria “bater neles”. Quando os colegas de João estavam cansados de serem perturbados, reclamavam para a direção, mas iam escondidos para que não fossem “descobertos” pelo tal aluno.

² João é um nome fictício, pois a identidade verdadeira do aluno será preservada.



A direção diversas vezes chamou o aluno para conversas, mas o mesmo continuava agindo daquela maneira. Procuraram à mãe de João, e a mesma alegava não ter tempo, pois trabalhava à noite e pela manhã precisava dormir, já que ela tinha que sustentar o filho que não tinha pai. Não estou aqui para discutir presença ou ausência de pessoas da família no processo educativo, mas para chamar a atenção sobre o desinteresse da própria mãe para com este aluno e para com suas atitudes. Algo acontecia de errado, e talvez aquela fosse a maneira que João encontrou para receber atenção ou para dizer algo.

O que o aluno poderia estar tentando dizer ao professor com os constantes atos de indisciplina? Possivelmente que a escola que aí esta não lhe proporciona alegria, satisfação e tampouco uma aprendizagem consistente, estando dessa maneira, muito distante de suas aspirações e necessidades. (FRANCO, 1986, p.50)

Quais seriam as necessidades deste aluno? O que ele espera para a sua vida? Quais são os seus objetivos? Será que a escola está lhe sendo útil? Será que a escola procura de alguma forma suprir as suas necessidades? Não consegui responder a tais questionamentos, porém penso que são cada vez mais comuns na prática docente. A tentativa era exigir respeito, para que não os outros alunos não fossem prejudicados, e para que a ordem se mantivesse. Passei a entendê-lo, de uma forma muito simples, respeitando a sua vontade de nada fazer, mas deixando bem claro a João que ele também deveria respeitar seus colegas que desejavam aprender. Com isso a convivência se tornou mais agradável, até mesmo os colegas de João passaram a respeitar suas decisões, e o restante do estágio decorreu desta maneira.

Ter respeito para com os alunos é uma das necessidades da postura de um educador consciente. Deve também exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo. O professor não pode exigir que o aluno goste dele ou dos colegas, mas o respeito ele pode exigir. (VASCONCELLOS, 2004)

3. FAMÍLIA: LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Primeiramente, gostaria de deixar claro o que anteriormente já afirmei: nesta seção minha intenção não é discutir quem tem ou não família, de que classe social, nada disso. Somente analisar a presença da família tendo em vista da realidade dos alunos do meu Estágio.

TIBA (1996) concluiu que filhos precisam de pais para serem educados, alunos precisam de professores para serem ensinados. A escola passou a ter função de educar além



de ensinar. Alguns dos alunos da minha turma vinham pra escola para serem educados, como o caso do acima citado aluno X. Outros, em contrapartida, são alunos que vem com a educação de casa e estão na escola para aprenderem.

São diversos casos que podemos observar num espaço escolar, que são relatados pelos próprios alunos. Casos de desrespeitos entre os familiares, falta de limites, alunos que chegam a hora que querem, vão onde tiverem vontade e outros tantos relatos, que podemos considerar casos. Pode o aluno não ter uma família bem estruturada e ser um ótimo aluno, ou vice-versa. Porém, a maioria dos alunos de minha turma apresentam diversas dificuldades. Dificuldades financeiras, que acarretam em muitas vezes não terem nem material escolar, de terem alguns problemas físicos e psicológicos e a família não ter condições de comprar remédios, óculos, e demais necessidades. É a escola que, na maioria das vezes, adquire os materiais, os remédios, que encaminha para especialistas. São famílias essas com diversas dificuldades, mas que criam seus filhos com esforço e garra. Alunos que se mostram dedicados, esforçados e que dão valor as coisas. Outros têm tudo ao fácil alcance, e acabam não dando valor. Crianças mimadas, mas que apresentam uma carência enorme de atenção, carinho e amor. A estes alunos lhe cabe aprender a lidar com a liberdade responsável.

Liberdade e responsabilidade andando juntas, portanto os adolescente precisam de pessoas que os cobrem e que os ensinam a ter a responsabilidade. Não é tão simples para um adolescente encarar seus desafios, e saber que junto vem a responsabilidade. A cada novo dia, novas idéias e um turbilhão de novos desejos acontecem com os adolescentes, que para eles é um constante conflito interno. Ai entra o papel da família, tornar-se o mais próximo daquele adolescente, fazer com que se crie laços de confiança mútua, podendo assim, ensinar e orientar diante dessas dúvidas. A meu ver, liberdade, responsabilidade e disciplina andam juntas. Quando se é adolescente muito se deseja conhecer e explorar, e são justamente as pessoas da família, ou as pessoas que se tornam da família, que devem ensinar e mostrar os melhores caminhos.

CONCLUSÕES

Quanto aos desafios, a intenção era que os alunos produzissem além do que o proposto, porém ao final, o resultado me pareceu preocupante pelos seguintes motivos:



Primeiramente porque desenvolver raciocínio lógico, e no caso dos alunos da turma na qual desenvolvi o estágio, esta não parecia ser uma prática usual.

Os casos de indisciplina que ocorreram no meu Estágio, provavelmente não serão os únicos com os quais irei me deparar ao longo de minha vida como docente, porém acredito que acabarei aprendendo a lidar com eles. Precisa-se de família para educar e escola para ensinar, conforme já mencionado anteriormente. Quem sabe, se o processo ocorresse de outra forma, cada um se responsabilizando por suas tarefas, família e escola, não ocorreriam problemas de indisciplina, falta de respeito, desacatos. Talvez muitos desses problemas pertinentes numa escola desaparecessem.

O Estágio é um momento maravilhoso onde muito se aprende e se ensina. É necessário que ocorra para que nossos erros mais pertinentes quanto ao ato de ensinar não nos acompanhe pra sempre. Este momento que vivi, com certeza, me acompanhará pro restante da vida de docente.

BIBLIOGRAFIA

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n° 19, 2002. p. 20-28.

SADOVSKY, Patrícia. O ensino de matemática hoje: enfoques, sentidos e desafios. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

ESTRELA, Maria T. Relações pedagógicas, disciplina e indisciplina na aula. Porto: Ed. Porto, 2002.

FRANCO, Luis A. C. A Disciplina na Escola. In: Problemas de Educação Escolar. São Paulo: CENAFOR, 1986.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo: Editora Gente, 1996.